



I

As coisas não andavam nada bem na casa de Tiré-sias, o adivinho. Desde que ele fora a Delfos com o neto para que este conhecesse o verdadeiro pai, que era afinal o grande deus Apolo, parecia que o desastre se abatera sobre o que tinha sido até ali o mais alegre dos solares de Tebas. O neto, Mopsos, regressara muito chocado com aquela informação. E o cretense Rhácio, que o amara como seu filho ainda antes de ele nascer, ficara de tal modo deprimido, pensando que perdera os laços com o menino, que emagrecia e empalidecia, tornando-se o fantasma de si próprio.

Os servos que, antes, riam e dançavam durante todo o dia, sem cuidar da limpeza dos quartos e das roupas, passavam, tristes e acabrunhados, espreitando pelos es-

Mopsos, o pequeno grego

curos corredores, como quem espera uma visita da alegria a que se achavam tão habituados.

A mãe de Mopsos, Manto, também tinha os dons da profecia. Mas usava-os de modo muito peculiar. Colhia flores nos prados e estudava-as. Parecia que só via bons augúrios. Era, aliás, uma mulher tão bela que quem a procurava, só de olhá-la, via afastarem-se os temores pelo futuro. Os seus longos cabelos ondulados perfumavam o ar. E o sinalzinho que ela tinha no queixo distraía o mais sisudo dos seus visitantes.

Manto tinha casado com o cretense quando se achava grávida de Mopsos. E Rhácio sempre se sentira amado pela mulher, pelo filho, pela cidade. O seu temperamento folgazão, dado à vida ao ar livre e às narrativas das mais inverosímeis aventuras, tornara-o popular entre os tebanos. Ele trouxera de Creta a sua cítara e com ela animava as tardes quentes, competindo com o canto das cigarras. Transformava em beleza essas saudades que dizia sentir da terra-mãe.

Porém, ao ver que Mopsos, ao fazer oito anos, partira para Delfos com o avô a fim de conhecer o deus, seu pai, Rhácio caiu na infelicidade. O menino tentava desesperadamente fazê-lo acreditar que ainda era amado, tanto ou mais do que dantes, porque agora de certo modo as coisas se invertiam e Mopsos adoptava-o a ele. Ora, adoptar alguém significa passar para lá da voz do sangue e ouvir chamar a voz de um grande amor. Mas, aí: com aquele gosto pelo exagero dramático que têm os do sul, Rhácio entregou-se àquele desconsolo e arrastou toda a gente à sua volta.

Mopsos bem se aninhava no seu colo como dantes fazia, quando, à noite, os poetas-ambulantes contavam as façanhas dos heróis. O pai chegava-o tanto ao peito que o magoava. E punha um tom desagradável no serão ao encontrar defeitos nas histórias, a informar os circunstâncias de que aquilo não era bem assim, e de que Zeus talvez não fosse o pai de tanto filho como as histórias davam a entender. Interrompia sem consideração e os visitantes acabavam por retirar-se, indo para o pátio acabar o vinho.

Manto, que o adorava, não tinha, no entanto, aquelas qualidades que normalmente se atribuem às mulheres: faltavam-lhe a paciência e a devoção doméstica. Deixava a casa entregue aos servos e passava os seus dias a andar pelos campos, ou sentava-se num banco exterior, sob roseiras, absolutamente decidida a não se preocupar com coisa alguma. Rhácio, o marido, estava habituado à liberdade das mulheres de Creta. Jamais lhe dirigia algum reparo. Riam os dois, dançavam, perseguiam-se, derrubando os risonhos criados à passagem.

Manto não se encontrava preparada para enfrentar tamanha alteração na qualidade do seu dia a dia. Rhácio dera em chorar, em enroscar-se, como um bebé, à sombra das muralhas, provocando o mal-estar dos cidadãos.

Toda a gente de Tebas desesperava com aquele exagero de sentimentos. Apreciavam um tamanho amor por aquela criança porém o sofrimento do cretense incomodava-os mais, em pleno verão, do que os mosquitos produzidos pelos pântanos. Ele sempre soubera,

Mopsos, o pequeno grego

comentava-se, que o menino era filho de Apolo Pítio. Fora, aliás, em Delfos que Rhácio conhecera a futura mulher. O próprio deus, depois de gerar a criança, lhe dera ordens para se casar com o primeiro dos homens que encontrasse. Haviam-se encontrado junto à fonte Castália e bebido ambos dessa água que inspirava os poemas de amor. Manto contava que se enamorara sem mesmo se lembrar das instruções de Apolo. Rhácio não hesitou nem um instante quando ela disse que esperava um filho. Porque se havia então de estragar tudo tantos anos depois? Porque haveria Rhácio de transtornar toda a cidade, como se, entristecendo, quisesse castigar aqueles que o amavam? Alguém era culpado nessa história?

«Alguém tem culpa?», perguntava Manto. Já começava a estar de cabeça perdida. Não suportava um ambiente assim, pesado de silêncio e de suspiros. Compreendia que o desgosto do marido não lhe dizia respeito a ela, mas a Mopsos, e isso comovia-a um bocado. Rhácio entendia que o menino, mal soubesse que era filho de um deus, o rejeitava. E, por muito que Mopsos lhe dissesse que era a ele que escolhia para pai, o pobre homem tomava aquelas frases como artifícios de consolação e não acreditava no que ouvia. O menino ficava desolado e ia esconder-se, para chorar também.

A mãe batia o pé e a sua cólera fazia-se sentir em toda a parte. Os criados andavam assustados e os visitantes procuravam outras casas. Alguém teria de fazer alguma coisa, gritava Manto. Nem o mau humor conseguia torná-la menos bela. Os seus grandes cabelos

desenhavam um furacão no ar e ela passava como uma nuvem que anuncia tempestade. Mopsos pedia: «Que alguém faça alguma coisa».

— Fazer o quê? — dizia a mãe, soprando. — Se o teu pai amou, não desamua. Parece que é assim na terra dele.

— Que disparate! — contestava Mopsos. — É só até ter a certeza de que o amo. Ele precisa de provas.

— E que provas? Mais do que já lhe demos? Que quer ele?

Mopsos começava a rezear que a mãe se enfurecesse de tal modo que deixasse de amar o seu marido. E, de facto, aquele Rhácio não era o mesmo por quem ela se tinha apaixonado. Tornara-se num homem maçador que parecia apostado em transformar a vida de toda a gente num aborrecimento e num castigo.

Há que ter a coragem de afirmar que Rhácio estava a ser muito, muito egoísta. Amava tanto o filho que nem se apercebia de que Mopsos também definhava a seu lado. Via a sua família, outrora alegre, mergulhada na raiva e na incompreensão. Rhácio sentia que a mulher se afastava com modos irritados, que o filho se escondia e pouco lhe falava, e até mesmo que os servos, que dantes o adoravam, faziam uns desvios para não o encontrarem. Aquilo desesperava-o a tal ponto que ele bebia mais vinho que o costume e punha-se a abusar dos palavrões.

Mopsos, a quem os dons dos adivinhos já começavam a iluminar, percebia que o pai adoecera porque o amor tomara a figura do medo e essa figura, entrando na pessoa, roía-lhe a saúde e o juízo. Mas já não se atrevia